

Carlos

Marques da
Silva

Paleontólogo.

Professor Auxiliar
do Departamento
de Geologia da
Universidade de Lisboa.Investigador do Centro
de Geologia da
Universidade de Lisboa.Colaborador do Museu
Nacional de História
Natural da
Universidade de Lisboa.Membro do Centro
de Arqueologia
de Almada.

paleo.carlos@fc.ul.pt

http://correio.cc.fc.ul.pt/
/~cmsilva

A Grande Importância das Pequenas Coisas

Em criança, quando em família a conversa versava a poupança, e naqueles tempos o aforro era um tema recorrente, a minha avó saía-se sempre com a máxima: “*poupem os tostões ¹ que os escudos poupar-se-ão a eles próprios!*”.

Durante muito tempo, não percebi o alcance, nem económico, nem filosófico, desta sentença. Mas a máxima, como de resto tudo o que não entendo plenamente, sempre me deixou intrigado. Coisas de miúdo! A verdade é que há realidades que só a experiência que vem com a idade nos permite compreender em pleno.

Os tempos melhoraram e o aforismo caiu no esquecimento. Durante anos não me recordei dele. Mais recentemente, o meu interesse pelo Património paleontológico e geológico e, sobretudo, o meu empenho na sua conservação, valorização e divulgação (SILVA *et al.* 1998; SILVA 1999; CACHÃO *et al.* 1999; CACHÃO *et al.* 2003; SANTOS *et al.* 2001), levou-me, surpreendentemente, a recordar e a ver com outros olhos o velho adágio da minha avó.

Desde 1998 que oriento percursos de observação e de interpretação de aspectos paleontológicos e geológicos na cidade de Lisboa. Inicialmente com o apoio da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e, posteriormente, no âmbito das actividades da “Geologia no Verão”, sob a égide da Agência Ciência Viva. A divisa desses passeios em Lisboa é, que me perdoem os mais fundamentalistas: “*Se Maomé não vai à montanha, então que a montanha vá até Maomé*”.

Ou seja, se os lisboetas não podem, ou não querem, deslocar-se ao campo para fruir o que a Paleontologia e a Geologia lá têm para lhes oferecer, então que apreciem os fósseis e as rochas que, por toda a parte, dão forma e cor à cidade (SILVA e CACHÃO 1998).

A ideia de realizar estes passeios nasceu de uma circunstância muito “terra à terra”, como não podia deixar de ser. Surgiu do facto de, nas minhas deambulações quotidianas por Lisboa, como paleontólogo que se preza, andar frequentemente com o nariz colado às fachadas e aos pavimentos dos edifícios e das ruas da capital, sempre que qualquer fóssil ou rocha mais curiosos me chamavam a atenção.

Sim, sim, aos pavimentos também, para assombro dos transeuntes! De fóssil em fóssil, de curiosidade em curiosidade, brotou a ideia de construir um percurso unindo-os todos, contando a história das histórias que eles nos contam. E assim, de um conjunto de pequenos nada, aparentemente insignificantes e desconexos, surgiu a acção “Paleontologia Urbana” que, posteriormente, evoluiu para a actual “Fósseis ao Virar da Esquina”². Uma actividade coerente de observação e interpretação de fósseis e de aspectos geológicos em contexto urbano que há vários anos, todos os anos, ao longo do percurso Cais do Sodré - Rato, conta com a participação entusiástica de várias dezenas de pessoas repartidas por diversas sessões.

No decorrer destes anos assisti a muitas mudanças ao longo do percurso clássico da Sétima Colina. Vários aspectos que antes mostrava desapareceram, a maior parte deles desnecessariamente. É espantosa a quantidade de pormenores, de pequenos nada, que antes lá estavam e que agora já não estão. Pormenores que sumiram sob os *graffitis* ou como resultado de recuperações desastradas de fachadas. Detalhes que desapareceram na sequência de obras de melhoramento arrevesadas ou de opções estéticas discutíveis. Muitos deles destruídos por ignorância ou por pura negligência.

Tomados isoladamente, esses pormenores poderiam afigurar-se insignificantes, negligenciáveis, prescindíveis... Um fóssil aqui, um tipo particular de rocha ornamental ali, uns azulejos mimetizando aspectos geológicos acolá... Mas, no conjunto do percurso, esses pequenos nada fazem falta. Cada detalhe que se perde é menos uma história que se conta, menos um episódio que é abordado, menos informação que resta. O percurso, a actividade, a cidade, ficam mais pobres.

Apenas alguns exemplos. Na Rua da Escola Politécnica, frente ao Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa, o modesto edifício com o número de polícia 27, apresentava até há poucos anos azulejos cobrindo toda a fachada do rés-do-chão. Tratava-se de um painel de finais do século XIX, feito à medida, imitando o revestimento em liós dos edifícios alfacinhas mais nobres da época. Há quem lhes chame simplesmente, por vezes de modo pejorativo,

“Se os lisboetas não podem, ou não querem, deslocar-se ao campo para fruir o que a Paleontologia e a Geologia lá têm para lhes oferecer, então que apreciem os fósseis e as rochas que, por toda a parte, dão forma e cor à cidade”.

azulejos marmoreados ou esponjados. Prefiro chamar-lhes “azulejos de rudistas”, por representarem, de modo claramente reconhecível, por vezes muito realista, o padrão do liós e dos fósseis mais frequentes neste tipo de calcários, os rudistas ³. Um caso ímpar de fusão das artes decorativas com a Paleontologia típico da cidade de Lisboa, já que o liós é a rocha ornamental emblemática da região. Um exemplo característico, só para citar um dos mais bem conservados e facilmente reconhecíveis, é o da fachada do n.º 39 do Poço do Borratém, perto da Praça da Figueira. Felizmente, há mais exemplos.

Pois bem, esses azulejos centenários, já não existem. Caíram vítimas da recuperação míope da fachada do imóvel para instalação de um restaurante modernaço. Denunciei oportunamente a ocorrência à polícia municipal, mas a obra estava legal. Com todos os *ss* e *rr*, como se costuma dizer. Segundo me informaram, com parecer positivo do IPPAR para a remoção dos azulejos e tudo. “*Não se preocupe, eram azulejos incaracterísticos*”, asseverou-me o proprietário do imóvel, incomodado pela minha indignação, supostamente entendido em azulejos e, segundo me informou, para dar crédito à sua avaliação, professor de História de Arte. E continuou, numa vã tentativa de me contentar: “*Estamos agora a recuperar uns painéis com cenas de caça do século XVIII, esses sim, magníficos, dignos de serem preservados!*”

Enfim, quem não sabe é como quem não vê e para quem não conhece rudistas e não reconhece o padrão do liós representado nos azulejos, aquele painel era, de facto, um marmoreado incaracterístico... Mas, nesta história, o que mais me choca é, mais que a ignorância, a ligeireza, o desprezo, com que se deita para o entulho algo que, apesar de não ser obviamente uma obra-prima da azulejaria nacional, tem, não obstante, mais de cem anos, é um interessante elemento original do edifício e é característico de Lisboa.

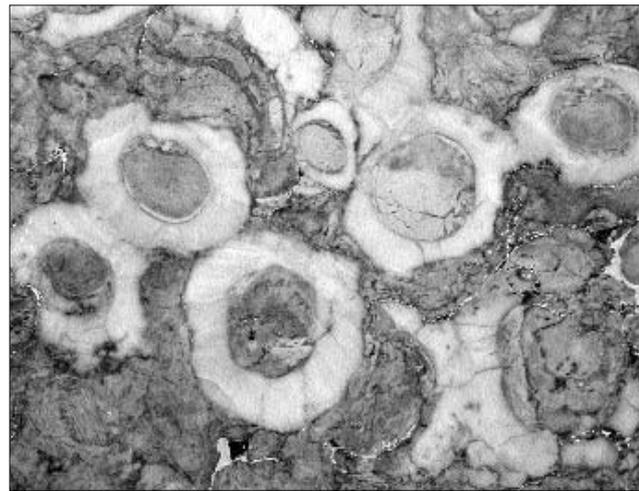
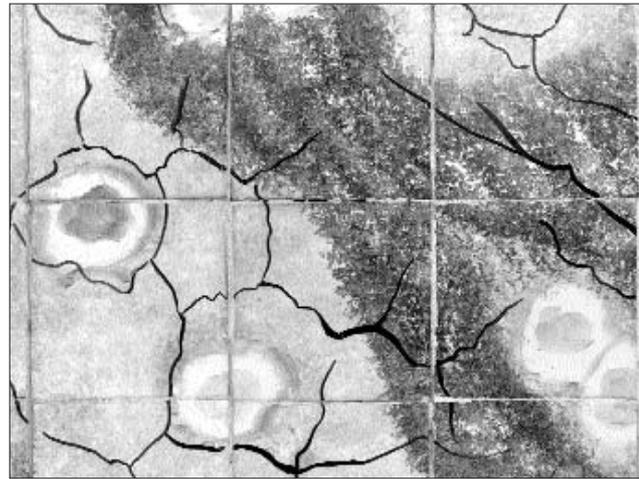
Ainda na Rua da Escola Politécnica, no alinhamento do edifício da antiga Real Fábrica de Sedas, já à beira do Rato, noutra restauração da moda, cobriram a fachada de liós branco com tinta

esbranquiçada para depois, pasme-se, aplicarem por cima uns esponjados marmoreados imitando a rocha ornamental que antes haviam escondido.

Outro exemplo. Na esquina da Rua da Misericórdia com o Largo da Trindade, na fachada de um conhecido restaurante lisboeta (isto já parece pecha deste tipo de estabelecimentos...), até recentemente podiam observar-se magníficos exemplares de rudistas caprinídeos ⁴, num liós apresentando a patina escura própria da rocha exposta há várias décadas. Já não estão visíveis, foram cobertos por lajes de mármore de granularidade média a grosseira, brancas, com acabamento rugoso, totalmente exótico, completamente estranho à tradição lisboeta do Bairro Alto. Na vã tentativa de melhorar o aspecto da fachada, cobriram o revestimento original de liós com material menos harmonioso. Com a agravante de, por apresentar a superfície bujardada, rugosa, ser mais susceptível à alteração e de mais difícil limpeza, nomeadamente, no que toca aos *graffitis*.

O que ressalta destes exemplos é a negligência com que são tratadas as pequenas coisas, os detalhes, os pormenores. Frequentemente, justifica-se a eliminação destes elementos com a circunstância de serem apenas coisas pequenas, sem grande significado, apenas uma entre muitas. Contudo um conjunto coerente, articulado, de pequenas coisas é muito mais que a simples soma dos seus modestos elementos.

Tomemos o exemplo da Geologia. Os registos geológico e paleontológico são constituídos pelo somatório de todos os afloramentos, grandes e pequenos, de todas as ocorrências fossilíferas, etc., espalhados pelo mundo, por mais “modestos” que sejam, não apenas daqueles, excepcionais por esta ou



↑ Figuras 1 e 2

Em cima, pormenor dos azulejos de rudistas do n.º 39 do Poço do Borratém.

Em baixo, pormenor do revestimento de liós dum edifício lisboeta, ostentando evidentes fósseis de rudistas radiolíticos em corte transversal.

¹ Antiga moeda de 100 reis. Aquando da vigência do escudo, durante a maior parte do século XX, equivalia a dez centavos de escudo.

² Ver “Fósseis ao Virar da Esquina” em <http://correio.fc.ul.pt/~cmsilva/Paleourb.htm>.

³ Rudistas, bivalves extintos de idade jurássica superior a cretácica, cujos fósseis podem ser encontrados no calcário cretácico, rosado a cinzento-azulado, bioclástico e calciclástico, vulgo liós, ou lioz, típico da região de Lisboa. Ver “Rudistas” em <http://correio.fc.ul.pt/~cmsilva/Rudist01.pdf>.

⁴ Ver “Rudistas Caprinídeos” em <http://correio.fc.ul.pt/~cmsilva/Rudist02.pdf>.

aquela razão, que foram classificados e protegidos. É na diversidade das manifestações geológicas e paleontológicas que reside a riqueza da informação disponível. Assim, é a diversidade dos elementos geológicos, a geodiversidade, que, em última análise, importa preservar, independentemente dos seus constituintes estarem ou não classificados.

O património é uno e indivisível tal como o é o mundo em que vivemos. A litosfera é o suporte físico da biosfera, que por sua vez actua sobre o ambiente geológico, modificando-o. O próprio Património cultural, em todas as suas vertentes, arquitectónica, etnográfica, arqueológica, histórica, etc., é fortemente condicionado pelo contexto geológico, geográfico e biológico e, por seu turno, as comunidades humanas modelam o ambiente natural em que se inserem. Não é sensato proteger apenas os elementos excepcionais, sejam eles de natureza arquitectónica, geológica, arqueológica, biológica ou outra, e negligenciar os demais. É óbvio que, pelas mais variadas razões, há que preservar e valorizar certas e determinadas ocorrências patrimoniais excepcionais. Mas essa é apenas a ponta do iceberg. É na protecção das pequenas coisas que se revela o verdadeiro empenho na conservação, a real compreensão do que significa e para que serve preservar! Desprezar os detalhes, descurar os contextos, é como tentar preservar a floresta, mas deixar abater as árvores.

Voltando à Geologia. A geodiversidade manifesta-se sob variadíssimas formas e a diversos níveis. Nem todos os elementos que a compõem serão classificáveis como Património Mundial ou elegíveis para estratotípos, certo, mas isso não significa que sejam negligenciáveis, dispensáveis. São tão necessários para a compreensão e a contextualização do nosso Planeta como os demais. Apenas não cumprem os requisitos para serem classificados deste ou daquele modo, a este ou àquele nível. Devemos ter presente que os critérios de classificação são definidos de acordo com o nível de consciência social do momento relativamente às questões da conservação do Património. Ora, como bem sabemos, as consciências, e por conseguinte os critérios, evoluem. Além disso, a classificação encerra uma

perversidade terrível, a de, para demasiada gente, desclassificar implicitamente tudo o que não abrange. E não é possível classificar tudo!

Perder diversidade é como arrancar páginas de um livro. Quantas páginas poderemos arrancar até deixar de compreender o enredo? Se lermos apenas trechos de uma obra, será que a percepção com que ficaremos da narrativa será a mesma da leitura da obra completa? Será que, dos livros, apenas vale a pena preservar as magníficas páginas com gravuras, como o fazem os alfarrabistas que têm mais amor ao dinheiro que aos livros? Por último, continuando a metáfora bibliográfica, estaríamos dispostos a comprar um romance ao qual faltassem páginas, por muito poucas que fossem?

“*Poupem os tostões que os escudos poupar-se-ão a eles próprios!*” Se protegermos e valorizarmos as pequenas coisas, as grandes estarão protegidas por arrastamento, como resultado lógico, necessário, do respeito e do carinho pela diversidade das manifestações naturais e culturais do mundo que nos rodeia.

Pelo contrário, se descurarmos a diversidade, se não acarinharmos também as pequenas coisas, os detalhes, e nos cingirmos à protecção apenas do que é passível de classificação, do que, face aos critérios actuais, é “importante”, acabaremos por viver num mundo totalmente descaracterizado, estéril, pejado de subúrbios desordenados onde será penoso viver, de dunas onde só haverá chorões, de arribas litorais cobertas de betão, de restaurantes onde só servirão fast food (no mau sentido do termo), de programas televisivos que só transmitirão cultura pimba. Nesse mundo cinzento subsistirão aqui e ali, esparsamente, jóias patrimoniais protegidas, magníficas, deslumbrantes, mas completamente isoladas e descontextualizadas, logo, incompreensíveis. Demasiado poucas e demasiado alienadas para nos salvarem do uniformismo bacoco em que nessa altura irremediavelmente nos afundaremos. 🐘

Carlos Marques da Silva, Junho de 2005

Referências bibliográficas

CACHÃO, M.; MADEIRA, J.; SILVA, C. M. da; AZEVEDO, J. M. N.; CRUZ, A. P.; GARCIA, C.; MELO, J.; AGUIAR, M.; SILVA, P.; MARTINS, R. e ÁVILA, S. (2003) – “Pedreira do Campo (Santa Maria, Açores): Monumento Natural”. *Ciências da Terra (UNL)*, n.º esp. V, CD-ROM, pp. I 20-I 23.

CACHÃO, M.; SILVA, C. M. da; SANTOS, V. F. dos e GALOPIM DE CARVALHO, A. M. (1999) – “Paleontological Heritage as a Driving Force for Geoconservation: the Portuguese experience”. In BARETTINO, D.; VALLEJO, M. e GALLEGO, E. (eds.), *Towards the Balanced Man-*

agement and Conservation of the Geological Heritage in the New Millennium. Madrid: Sociedad Geológica de España, pp. 398-401.

SANTOS, A.; SILVA, C.M. da; BOSKI, T.; CACHÃO, M.; FONSECA, L. C. e MOURA, D. (2001) – “The Paleontological Heritage of Ribeira de Cacela (Algarve, Portugal). Its Preservation in the Portuguese Context”. *Revista Española de Paleontología*, n.º extra., pp. 99-103.

SILVA, C. M. da (1999) – “Património Paleontológico Português”. *Al-Madan*. II Série. 8: 12-13.

SILVA, C. M. da e CACHÃO, M. (1998) – “Paleontologia Urbana”: percursos citadinos de interpretação e educação (paleo)ambiental. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 84 (2): H33-H35.

SILVA, C. M. da; CACHÃO, M.; SANTOS, V. F. dos; SANTOS, A. e GALOPIM DE CARVALHO, A. M. (1998) – “Património Paleontológico: princípios, meios e fins”. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 84 (2): G18-G21.